

Foi de mentirinha

MIGUEL SOUSA, MICHELLE LICORY E VIVIAN LORENZO



Quando um dos alunos de Mônica Rega levou para a sala de aula o dever de casa feito pela mãe, não poderia imaginar que sua mentira seria facilmente descoberta pela professora, e de forma tão simples. “Assim que ele chegou com aquele trabalhinho com a letra diferente disse: nossa, será que foi você mesmo que escreveu isso aqui?” E não demorou mais de cinco minutos para o menino confessar: “Foi a minha mãe, mas ela que quis fazer”.

Para a professora de Psicologia do Desenvolvimento da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Maria Inês Bittencourt, o comportamento do aluno de Mônica é bastante comum à faixa etária entre seis e sete anos, que mentem para se proteger de alguma coisa que sabem que fizeram de errado. “A maioria das crianças mente, mas quando é confrontada com a verdade, não tem mais como sustentar a mentira”, esclarece.

Mônica, que comanda há menos de um ano uma turma de alfabetização, diz que já sente muitas diferenças ao compará-la a seus alunos do jardim III. “Como estou com eles em mais uma etapa da vida escolar, percebo que eles amadureceram e que por isso estão mais reais. Hoje, vejo que os próprios alunos já



Marisol Barcala procura mostrar a Luana o lado negativo da mentira

identificam aqueles que têm o hábito de mentir”, conta.

***Tudo irá depender
do grau da mentira,
do tipo de mentira e
da intenção da mentira***

Segundo Maria Inês, crianças até quatro ou cinco anos não têm noção do que é mentira, uma vez que não são capazes de diferenciar o que é realidade e o que é fantasia. “Muitas vezes a mentira é algo que faz parte da verdade delas. À medida que elas crescem e vão adquirindo conhecimento da realidade, do que é certo e do que é errado, elas já conseguem discernir o que é verdade e o que é mentira”.

Se em muitas crianças o hábito de mentir não é motivo de grande preocupação para pais e responsáveis, para outras, deve ser um sinal de alerta. Maria Inês afirma que problemas emocionais podem aparecer através da mentira em crianças. “Desajuste afetivo e tendência anti-social são exemplos do que pode estar por trás da mentira. Elas mentem para encobrir condutas como pegar alguma coisa que não lhe pertence ou inventar histórias para encobrir uma realidade que é dolorosa para ela”, revela.

A psicóloga ressalta que, nesses casos, é preciso entender o motivo daquele comportamento. Por exemplo, se ela está carente ou



Como qualquer brincadeira, os amigos imaginários fazem parte do desenvolvimento da criança

com medo de alguma coisa, pode estar revelando ser um problema que não envolve somente ela. “Uma criança que conta uma história do tipo ‘ah, no final de semana eu fiz e aconteceu’, provavelmente está fazendo isso para se afirmar diante dos amigos, para levantar a auto-estima fragilizada”, diz Maria Inês. No entanto, ela ressalta que tudo irá depender do grau, do tipo e da intenção da mentira.

O que os responsáveis devem fazer

Luana Barcala, de seis anos, estava na casa de sua madrinha quando, na hora do lanche, começou a falar sobre sua “amiga do colégio que era mentirosa”. Indignada a ponto de fazer os adultos presentes acharem graça, contou que a menina dizia que tinha um brinquedo que na verdade não tinha, que o feijãozinho crescia e na verdade não crescia, entre outros episódios. A tal menina, que antes era

considerada uma das melhores amigas de Luana, passou então a ser criticada, quase condenada por suas supostas grandes mentiras. “Eu acho que deviam contar para o diretor e expulsar ela da escola. Vi na televisão que mentir é muito feio”, disse.

As mentiras não funcionam nem para educar nem para corrigir (...) ameaças do tipo “come se não o homem do saco vai te pegar” traumatizam e não resolvem o problema

Marisol Barcala, mãe de Luana, diz que em casa procura mostrar à filha que mentir é um hábito negativo e que ela deve dizer sempre a verdade. “Luana já mentiu algumas vezes e em troca ficou de castigo. Quando

descobrimos que alguém próximo a ela está mentindo, procuramos usá-los como exemplo para mostrar como a mentira é algo negativo, que deve ser evitado”.

Para a psico-pedagoga Lucíola Agostini, os pais ao notarem esse tipo de comportamento nos filhos, devem estabelecer um diálogo com elas. Lucíola também sugere que a família não conte pequenas mentiras na frente das crianças, pois se vivenciarem o hábito de mentir, tenderão a repetir o mau hábito. “Não mintam na frente dos filhos. Porque o exemplo educa mais que mil palavras”, ensina. Ela ainda faz um apelo para que se evite, por exemplo, pedidos como “Se tocar o telefone, fala que a mamãe não está”.

Mentir para educar

Quem nunca ouviu dizeres como “Se mentir o nariz cresce?” Muitos pais e responsáveis recorrem a historinhas ameaçadoras ou pequenas mentiras com o intuito de evitar que as crianças mintam. De acordo com Lucíola, essa postura não é adequada para a criança já que ela vai contar a mentira e, ao olhar no espelho, verá que nada aconteceu. Argumentos como “não vai doer” também devem ser descartados, “porque vai doer e, da próxima vez, a criança não vai acreditar na mãe”, esclarece a psico-pedagoga.

A estudante de Comunicação Social Marisol França recorda que na infância, era proibida de assistir a programas como os dos apresentadores Sérgio Malandro

e Bozo. Segundo a mãe de Marisol, Sérgio Malandro “era para crianças com deficiências mentais” e o Bozo “era um bêbado que caía por cima das crianças”. “Só descobri a verdade quando entrei no Ensino Médio e descobri que todos os meus amigos tinham assistido a programas como o do Bozo. Enquanto isso, minha mãe mentia com a intenção de me poupar”, declara. Para Lucíola, as mentiras não funcionam nem para educar nem para corrigir. Segundo ela, ameaças do tipo “come se não o homem do saco vai te pegar” traumatizam ao invés de educar as crianças.

Amigos imaginários

Quando falamos de mentira na infância, é comum o caso dos amigos imaginários. De acordo com especialistas, a existência desse tipo de amigo não está diretamente ligada ao hábito de mentir, mas à capacidade de fantasiar, prática natural e necessária ao desenvolvimento da criança.

A funcionária pública Lilian Silveira lembra que seu filho Pedro tinha cerca de três anos quando inventou três amigos – Red, Tapu e Luizinho. Segundo ela, não aconteceu nenhum fato na vida do menino para que Pedro criasse esses personagens. No entanto, ela destaca que seu filho sempre foi uma criança muito tímida. “Acho que seu temperamento influenciou”, afirma.

Pedro falava dos três como se eles existissem. Ele pedia à mãe, por exemplo, que fizesse almoço para eles, e contava que tinha



Crianças por volta dos seis anos já são capazes de identificar a verdade e a mentira

viajado para São Paulo com o Luizinho. “No início eu estranhei, mas como já havia lido a respeito de amigos imaginários, tentei agir normalmente, mas sem incentivá-lo. Aos poucos, ele mesmo foi se despedindo deles”, recorda.

***A maioria das
crianças mente, mas
quando é confrontada
com a verdade,
não tem mais
como sustentar***

Para Lucíola, trata-se de uma fantasia, isto é, as crianças acreditam de fato neles. “Como educadora já vi muito isso. Minha filha mesmo tinha dois, o Biu e o Bau. A gente tinha que botar na mesa uma cadeira pro Biu e outra pro Bau. Uma vez no carro ela não queria deixar a avó entrar porque não iria caber o Biu e o Bau. Foi uma luta convencer que o Biu ia no meu colo e o Bau no colo do pai”, conta Lucíola. Entretanto ela destaca que esse tipo de fantasia é normal e passageira.

Segundo ela, essa experiência só precisa ser tratada quando a criança inventa que tem um amigo imaginário para atingir algum fim por este meio, como para chamar a atenção ou fugir de uma determinada situação. “Se a criança não presta atenção na aula e não consegue explicar o motivo, ela pode acabar inventando que isso acontece porque o determinado amigo a impede”, exemplifica a psico-pedagoga.

Lucíola explica também que a experiência de se ter amigos imaginários não tem nenhuma relação com a timidez da criança. “A criança que é muito tímida e vive isso com dor não tem tantas fantasias quanto a criança que é bem relacionada, que vive bem socialmente”, diz. De acordo com Lucíola, algo que pode influenciar é a existência de algum trauma familiar vivido anteriormente pela criança, que pode se agravar se ela não tiver com quem conversar sobre o assunto. “Se ela não sabe como lidar com o que está sentindo, poderá elaborar um mecanismo falando sozinha, com o amigo imaginário”, completa Lucíola.

